

Luiz Cruz Lima

Professor titular de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE)
l.cruzlima@uol.com.br

Adriana Marques Rocha

Professora de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e da
Universidade Federal do Ceará (UFC)
adrianamr@yahoo.com.br

Reflexões sobre o terciário

Resumo

O estudo sobre terciário requer um olhar multidisciplinar. Conferir ao terciário uma perspectiva multifacetada contribuirá para desvelarmos os caminhos de atividades que urgem por uma teorização. A complexidade do fenômeno requer uma releitura dos conceitos antigos e recentes para a construção de um arcabouço teórico próprio ao terciário, a fim de se compreender a realidade terciária como força vital do processo de produção atual e da reorganização dos territórios.

Palavras-chave: terciário, território, reorganização.

Abstract

REFLECTIONS ON THE TERTIARY

The study on tertiary demand a multidisciplinary look. To confer to the tertiary a multifaceted perspective will give us a contribution to watch the ways of activities that urges for its own theory. The complexity of the phenomenon requests a new reading of the old and recent concepts for the construction of a particular theoretical skeleton to the tertiary to understand its reality as a vital force of the process of current production and reorganization of the territories.

Key-words: tertiary, territory, reorganization.

1. Introdução

Na atualidade, é visível a incoerência da classificação das atividades do setor terciário provinda da primeira metade do século XX. Em face das grandes mudanças mundiais do último meio século, tanto nas diferentes áreas das tecnologias, como na reorganização do sistema produtivo, entende-se que a noção de terciário assume outras conceituações, outras dimensões espaciais. Isso vem abrindo, no mundo, um leque de releituras dessa classificação, frente à realidade.

Derivadas da carência de um aporte teórico capaz de atender as necessidades daqueles que se dedicam ao estudo do terciário, essas reflexões se põem como uma instigação, ao tempo que suscita questionamentos acerca da forma de apreensão dessas atividades.

As estatísticas oficiais lidam com essa dificuldade, sem qualificar, no setor terciário, de modo explícito, os serviços mais refinados e as atividades menos relacionadas às tecnologias modernas, o que contribui para desvirtuar os trabalhos de pesquisa. No último quartel do século XX, Santos (1982, p. 56) chamava a atenção para esse fato:

Nas condições atuais da economia, o estudo do chamado setor terciário impõe que se levem em conta, de um lado, a existência de novas atividades terciárias, nem sempre discerníveis sob as condições atuais da coleta estatística; e, de outro lado, a heterogeneidade fundamental do setor como definido oficialmente, heterogeneidade que as estatísticas oficiais mascaram.

Na década passada, Jiménez e Utrilla (1992, p. 13) revelavam essa lacuna na ciência:

A diversidade de natureza, funções e de modalidades de geração, transporte e consumo de serviços na sociedade moderna dificultam grandemente sua apreensão teórica. É possível, pois, que reduzir os serviços de forma proveitosa para seu estudo científico seja, por si, tarefa árdua. Porém, não é menos certo que persistam categorias elaboradas a partir de enfoques disciplinares, sobretudo econômico, inapropriadas para captar um fenômeno tão complexo que está para além dos marcos divisórios superficiais dos conteúdos das disciplinas¹.

Segundo Offe (1991), nas ciências sociais de meados de 1940, recorreu-se à hipótese genérica de que, a partir de certo grau de industrialização, o desenvolvimento da sociedade tenderia à expansão do setor terciário, com

maior participação da força de trabalho nos serviços, acompanhada por um crescente peso no produto interno. É uma evidência na realidade atual.

A abordagem do processo de reprodução do capital e o desenvolvimento da feição urbana que toma a sociedade com o advento do atual modo de acumulação capitalista são imprescindíveis à compreensão do terciário no mundo moderno. Caminhar por estas sendas será, pois, buscar o significado do terciário para além da concepção clássica dos anos 1930, proposta por Colin Clark. No livro *The Conditions of economic progress*, Colin Clark emprega sistematicamente a terminologia primário, secundário e terciário. Essa propositura do eminente estudioso correlaciona-se com a de seu antigo professor, Allan G. B. Fisher. Este publicara em 1935, em Londres, *The cash of progress and security*, uma relevante obra que passou despercebida (FOURASTIÉ, 1989). Nesse sentido, Santos (1982, p. 56) reforçara como uma ordem às reflexões: “[...] reconhecer o conteúdo novo encoberto pela velha denominação, o ‘setor terciário’”. A superação desse paradigma implica repensar a lógica da divisão do trabalho, não somente permeada pelo meio técnico-científico informacional, mas também em sua gênese, bem como o rumo tomado pela teoria para aproximar-se do real em sua complexidade.

2. Divisão do trabalho e a estruturação atual dos serviços

O elemento fundamental para estruturação e reestruturação de todo o desencadeamento do processo histórico das relações capitalistas foi, sem dúvida, a divisão social do trabalho. Esta tivera sua evolução considerada como espetacular (GEORGE, 1979, p. 81), o que consistira no aumento dos efetivos de pessoas ativas empregadas em ocupações que não são concretas ou diretamente produtoras de objetos, mas que foram agrupadas sob a referência de serviços.

Na fase pré-capitalista, um único indivíduo detinha todo o conhecimento e controle de todas as etapas da produção, sendo ele responsável pela atividade primária, transformação-beneficiamento e transformação artesanal (produto final). Não havia distinção das etapas da produção em setores econômicos. A divisão do trabalho acontecia a nível familiar e/ou

no nível da hierarquia da posse dos meios de produção, da terra e das ferramentas.

Com as mudanças nos sistemas e das formas de relações sociais, a simples “fabricação” de valores de uso tornou-se ultrapassada frente às necessidades criadas pelo surgimento e pela diversificação das mercadorias que se disponibilizavam para as trocas comerciais. Daí não bastava mais produzir para atender as necessidades básicas dos indivíduos e das famílias, mas tinha-se que produzir para ter o que trocar e acumular valores além do que era necessário para a simples condição de existência do indivíduo.

Então, a esfera da produção sofrera modificações cujos objetivos eram, de alguma forma, ampliar a quantidade do que se produzia para a acumulação. A partir de então, começaram a se separar os diferentes tipos de transformação das matérias-primas, iniciando-se as primeiras especializações das funções em cujas entranhas se desencadeara a divisão social do trabalho.

Parte-se da premissa de que o princípio geral é o aprofundamento da divisão social do trabalho com a proletarianização do camponês e a intensidade da dissolução da economia natural, criando, assim, as bases para o desenvolvimento do modo capitalista de produção, o que romperia parcialmente os laços primitivos, que, no começo, uniam a agricultura e a manufatura. Gradualmente, esse processo se intensifica com o desenvolvimento das bases técnicas, culminando no atual nível de industrialização e modernização.

3. Uma classificação ultrapassada

Diante da realidade mundial, os serviços começaram a ganhar mais expressividade no começo do século XX, ainda durante a Segunda Revolução Tecnológica (MANDEL, 1985), quando as redes começam a se instalar por força das necessidades emergentes, ampliando-se, territorialmente, do centro hegemônico para a periferia. A partir desse momento, as atividades terciárias já mostravam um importante papel no desempenho das relações mundiais. Então, em meados da década de 1930, Colin Clark,

baseado no modelo das etapas da produção (primário e secundário), classificou essas atividades que faziam a inter-relação entre produção e consumo como terciárias, ou melhor, acrescentou o Setor Terciário aos outros dois setores já existentes, com o objetivo de caracterizar uma etapa que viria após a fase industrial de produção, seguindo a lógica produção-distribuição-consumo.

Após a segunda metade do século XX, quando se arvora a Terceira Revolução Tecnológica, o setor terciário se intensifica, ressaltando-se mais ainda, na atual conjuntura técnico-científico-informacional, num período histórico em que a agropecuária agrega técnicas sofisticadas e ciência e a indústria se constitui por fragmentos unidos pelos comandos e ordens à distância, ditados pelas bases da teleinformação, como um novo tipo de serviço. Cada vez mais a (re)organização do espaço geográfico não mais se prende, somente, aos setores primário e secundário. Os centros dinâmicos de qualquer esfera da produção se consolidam, no atual momento, como centros de excelência do terciário, rematando o que afirma Santos (1982, p. 58):

O terciário, hoje, permeia as outras instâncias (primário e secundário) cuja definição tradicional esmigalha e, sob formas particulares em cada caso, constitui o elemento explicativo da possibilidade de existência com êxito de inúmeras atividades, sobretudo daquelas mais importantes.

Para Mandel (1985), o fenômeno terciário vem como reflexo do capitalismo tardio, embora já existisse desde quando houve a separação das etapas produtivas, com o aumento da distância espaço-temporal entre os meios de produção e consumo. Com essa formatação entre produção e consumo, demandavam-se mecanismos que fossem capazes de dar conta da circulação da produção para chegar o mais rápido possível nos diversos lugares para grande número de consumidores. Assim, os serviços, pouco expressivos e quase sem estudos desenvolvidos sobre a temática, tomam vulto a partir do século XX, como resultante do movimento de ampliação desse capitalismo tardio, assim considerado pelo autor:

A expansão do setor de serviços capitalistas que caracteriza o capitalismo tardio resume, portanto, à sua própria maneira, todas as principais contradições do modo de produção capitalista. Reflete a enorme expansão das forças produtivas

sócio-técnicas e científicas e o crescimento correspondente das necessidades culturais e civilizadoras dos produtores [...] (ibidem, p. 282).

Os serviços assumem posição de destaque na economia e no cenário mundial, ou seja, a “socialização objetiva dos serviços”, na afirmação de Mandel (1985, p. 270), assegurando mudança da forma de racionalizar o capital. A divisão do trabalho foi aguçada nos moldes capitalistas a partir da centralização crescente dos investimentos. Para Mandel (ibidem, p. 269), essa centralização apresenta duplo caráter:

[...] é técnico e é econômico. Tecnicamente, uma divisão crescente do trabalho só pode combinar-se com uma socialização crescente e objetiva do trabalho por meio de uma ampliação das funções intermediárias: daí a expansão sem precedentes dos setores de comércio, transporte e serviços em geral. Economicamente, o processo de centralização só pode manifestar-se por meio de uma centralização crescente de capital, entre outras, sob a forma de uma integração vertical de grandes empresas, firmas multinacionais e conglomerados.

Nesse sentido, o terciário emerge como uma forte complexidade que se coloca na modernidade recente, dando novos matizes aos processos que se efetivam na (re)organização do espaço. Isso porque o terciário, hoje, imbrica-se às inúmeras atividades econômicas, exigindo formas e estruturas, ainda inexistentes, especialmente para viabilizar essa “integração vertical de grandes empresas”.

O terciário foi sensivelmente ampliado, absorvendo múltiplas funções, tanto no primário quanto no secundário, especialmente com as denominadas redes de logísticas. Na nova maneira de produzir, o bem final agrega uma gama de serviços antes (fornecimento de matéria-prima com agregação de inovações técnicas e científicas), durante (prestação de serviços de uma determinada empresa em determinado entremeio da fabricação de um bem) e depois da produção dos bens (atendimento ao consumidor, pesquisa, assistência técnica, dentre outros). Para George (1979), essa multiplicidade e heterogeneidade cristalizaram-se como características próprias do terciário, de um lado, na diversidade de tipos de formação e de níveis técnicos e econômicos e, de outro, nas formas de projeção de atividades sobre o espaço.

Através dessa nova visão, pode-se entender o processo de modificações dos serviços, decorrente desse atual grau de complexidade. Diante

desse novo arranjo, estabelecem-se renovados padrões de localização das plantas industriais, modificando-se os fluxos e, conseqüentemente, os meios de comunicação, tomando o espaço geográfico a feição de um novo período. Nesse sentido, o terciário vem à tona numa diversidade nunca vista.

No desenvolvimento do terciário até sua configuração atual, para Lipietz (1984), “há, de um lado, regressão das formas pré- ou arqueocapitalistas; de outro lado, proliferação autônoma do terciário moderno” sob a divisão do trabalho nas relações capitalistas. Assim, ele enumera:

1. A divisão manufatureira do trabalho autonomiza, no próprio interior das empresas do setor secundário, as funções intelectuais; 2. A divisão social do trabalho autonomiza as atividades terciárias em um setor terciário; 3. A acumulação capitalista em geral e mais particularmente esse processo de divisão do trabalho exige o desenvolvimento de um setor especialmente destinado à reprodução ampliada das “condições exteriores gerais” do desenvolvimento capitalista (administração, ensino, saúde etc.) (p. 192).

A necessidade de uma nova conceituação é premente, sobretudo, no momento atual, em que os fenômenos se dão com maior celeridade. O ritmo frenético com que os processos fluem tornam tanto mais complexas as inter-relações intrínsecas às atividades terciárias quanto à compreensão dessas como um todo. Sobre isso, cabem aqui as palavras de Santos (1982, p. 58-59):

Cada nível qualitativo e quantitativo da atividade terciária corresponde a uma forma particular da divisão do trabalho internacional e interna a cada país. A definição qualitativa e quantitativa do terciário correspondente a cada país depende, de um lado, das formas de realização da vida coletiva e, de outro lado, das formas de inserção do país no âmbito da economia mundial.

A divisão tradicional de setores econômicos já não tem a mesma aplicabilidade na época em que vivemos, já que a produção de muitos bens agregam trabalho provindo de múltiplas atividades terciárias, antes inexistentes. No entender de Castells (1999, p. 227), “à medida que as economias se tornam mais complexas, devemos diversificar os conceitos usados para categorizar as atividades econômicas”.

Um dos problemas de mensuração e de cognição está relacionado ao fato da pretensa autonomia dos setores da economia (agricultura e indús-

tria), que caracterizavam um conjunto fechado de etapas da produção de um bem.

A não materialidade, também aplicada usualmente para delimitar os serviços, é considerada por Offe (1991, p. 13) como uma característica negativa de ser trabalhada: “[...] desde que ele não se materializa em um produto físico, o resultado do serviço não pode ser transferido no tempo e no espaço, isto é, nem estocado, nem transportado”.

Para Gaspard (1989), os serviços criam a riqueza como conjunto de atividades cujos produtos são imateriais, tornando-se a parte mais dinâmica da economia, enquanto para consumir um bem é necessário ter meios para que se possa fazê-lo, ficando, assim, os serviços responsáveis pela movimentação, articulação e dinamização da economia. Ainda mais, muitos produtos agregam substanciais componentes oriundos de atividades do terciário. Nesse quadro, é notável o aumento do desenvolvimento econômico-social global, que se caracteriza pelo desmesurado consumo de bens e serviços, ocorrentes pelas necessidades fisiológicas e pelo poder aquisitivo gerado pelas novas formas terciárias. Assim, os serviços têm ficado no centro da organização social, com o surgimento de novas atividades geradoras e outras novas atividades a partir de necessidades criadas, garantindo seu potencial de negócio na criação de empregos e, principalmente, em sua vertebração territorial.

Verifica-se que essa divisão tradicional dos setores econômicos cristalizou-se diante dos olhos dos estudiosos. Mesmo com inúmeras tentativas de reclassificação dos setores econômicos, as atenções sempre acabaram por se voltar à tentativa de “conserto” de uma classificação já firmada.

Santos (1982) atribui a problemática terciária e suas interpretações ao movimento desigual e combinado do capital pelo território (desde quando eram simples atividades de intercâmbio), concorrendo para o surgimento de “novos fenômenos”, entre eles, os serviços modernos.

Os serviços modernos, também chamados de terciário superior (JIMÉNEZ; UTRILLA, 1992; SANTOS, 1982), são aqueles que melhor expressam a concretude do espaço atual, as novas formas de organização do trabalho e as relações de interdependência entre as atividades econômicas.

A superação da forma de pensar a economia, a partir da divisão clássica de Colin Clark, não se dá apenas em criticá-la, mas perpassa refle-

xões acerca da compreensão do fenômeno terciário no contexto histórico mundial, a partir do desenvolvimento das forças produtivas e da divisão social do trabalho, como encontramos em Lipietz (1984). Não quer dizer que se demande e concretize necessariamente uma nova classificação, mas buscar a compreensão da realidade do setor terciário, levando em consideração sua dinâmica.

Para Chesnais (1996), o problema ocorre no processo de análise dos serviços pelo viés “residual”, tornando a interpretação equivocada “pela falta de um quadro teórico global, que permitisse apreciar melhor o lugar hoje ocupado pelos serviços no movimento do capitalismo contemporâneo e de seu modo de acumulação, como um todo”. Para esse autor, os serviços seriam um desdobramento do processo de acumulação e, portanto, “uma nova fronteira para a mundialização do capital”.

Razões diversas estão imbricadas no movimento de internacionalização dos serviços, entre elas “a homogeneização da demanda, em torno das normas de ‘consumo’ do capitalismo avançado, que são intensivas em serviços mesmo quando se referem a bens [...]” (ibidem, p. 185). Adiante, acrescenta, como uma causa, os interesses de “grupos industriais, ciosos de manter sua ascendência sobre certas importantes atividades de serviços, complementares às suas operações centrais” (idem). O domínio dessas atividades reforça o maior controle da reprodução do capital. Nesse sentido, é exemplar a organização das empresas pelos tecnopolos (LIMA, 1994), onde os serviços modernos se imbricam com as atividades produtivas, segundo as especificidades de cada lugar.

4. Relações intrínsecas dos serviços

A expansão dos serviços está ligada à disposição de absorver e assimilar as atividades modernas no âmbito particular do desenvolvimento de cada economia, como abordara Kon:

O crescimento do setor de serviços e suas implicações sobre a reestruturação das economias apresentam diferentes impactos sobre as estruturas produtivas, de acordo com o nível de desenvolvimento das economias e a capacidade de aumentar os investimentos na modernização tecnológica e na qualificação da

força de trabalho, a fim de enfrentar as necessidades de novas tarefas técnicas dos processos modernos de produção organizacionais (KON, 1997, p. 151-152).

A espacialização dos serviços não ocorre aleatoriamente, mas em sintonia com a reprodução do capital e as especificidades do lugar. Desse modo, os conteúdos técnicos e as diferentes rugosidades existentes no território contribuem sobremaneira para a presença e a diversidade dos serviços. Respondem diretamente ao tipo de atividade que é desenvolvida no lugar, às demandas e ofertas e ao nível técnico dominante, como bem expressam Jiménez e Utrilla (1992, p. 51):

Este espacio, como es bien sabido, no es neutro, sino está dotado de aptitudes desigualmente repartidas para el emerger de dichas actividades: cantidad y calidad de infraestructuras de toda clase, volumen y poder de consumo de la clientela, etc.

Para o entendimento da espacialização dos serviços, Jiménez e Utrilla (1992, p. 51-52) dizem ser imprescindível a análise de inúmeros componentes diferenciados:

- a) território onde se produz ou se consome serviços, como área de comunicação (rádio, TV etc.);
- b) organização da produção de serviços (grandes corporações, instituições político-administrativas etc.);
- c) áreas modeladas pelas atividades de serviços ou a eles entrelaçadas;
- d) relações espaciais exigidas pelos serviços, como nós de redes;
- e) espaço com características culturais ligadas aos serviços.

O desigual volume de serviços alocados no centro e na periferia das cidades demonstra a contradição da sociedade da mercadoria. Desse modo, é preciso a compreensão desses fenômenos não como categorias antagônicas, mas como constituintes de um par dialético, ou seja, para compreender a periferia é necessário chegar-se ao sentido do que seja o centro e vice-versa.

O estudo desses pontos nevrálgicos encaminha-se à proposta formulada por Harvey (1980), em seu estudo sobre a localização e o acesso aos equipamentos urbanos nos grandes centros. As questões de distância e

acessibilidade aos serviços urbanos são longamente discutidas, pois perpassam dimensões outras ligadas à maneira como estão dispostos os serviços, a tensão entre centro e periferia, a distribuição da renda e as implicações do esboço locacional desses objetos na demanda e nos fluxos por eles gerados, bem como na reorganização do território.

Nesses moldes, o território é planejado como pano de fundo para a reprodução das condições de existência prevalentes. No que tange às transformações ocasionadas pela localização dos equipamentos urbanos e, por conseguinte, dos serviços ofertados, convém apontar os escritos sobre o planejamento urbano e seus reflexos na conformação territorial:

El planeamiento, además de las circunstancias territoriales regionales y locales, ha de estar atento a las necesidades de este tipo de actividades y las conexiones con el "exterior"; a la par que se buscan soluciones a las necesidades de estos servicios, éstos se pueden utilizar como instrumentos de reequilibrio territorial, si se les da el tratamiento adecuado (JIMÉNEZ; UTRILLA, 1992, p. 85).

O planejamento dos lugares para a implantação de equipamentos e serviços é considerado um instrumento de materialização dos interesses do capital hegemônico. Harvey (1980) escreve, por esse mesmo viés, acerca do planejamento urbano e das implicações diretas e indiretas em função da escolha das localizações dos serviços sobre o ritmo de vida dos residentes. Os passos dos residentes não acompanham os rastros do capital. O terciário, enquanto materialização do modo de produção, se reproduz rapidamente alheio à vontade dos trabalhadores. A celeridade com que os processos sociais ocorrem, no momento atual, movidos por um aporte técnico-científico-informacional, faz pensar a crise no sistema capitalista como um momento de transição intrínseco à modernidade vivida e o papel que desempenha o terciário nesse contexto de ebulição em busca de algo novo, refletindo o que diz Santos:

O fato de que o processo de transformação da sociedade industrial em sociedade informacional não se completou inteiramente em nenhum país, faz com que vivamos, a um só tempo, um período e uma crise, e assegura, igualmente, a percepção do presente e a presunção do futuro, desde que o modelo analítico adotado seja tão dinâmico quanto à realidade em movimento e reconheça o comportamento sistêmico das variáveis novas que dão uma significação nova à totalidade (1998, p. 121-122).

O que está em jogo aqui é um momento pelo qual passa a sociedade, mas não o fato de que a sociedade caminhará para o enaltecimento dos serviços em detrimento das atividades industriais. O estreito relacionamento entre ciência e técnica demonstra muito mais uma interdependência entre atividades econômicas que uma substituição de atividades industriais pelo terciário. As atividades terciárias ganharam notoriedade, mas isso não implica dizer que não permeiem a esfera da produção material. No pensamento de Lojkin (2002, p. 242), encontra-se subsídio para esse argumento: “[...] não há crescimento de atividades de serviço (informacionais) sem crescimento de atividades industriais. Ao contrário, o declínio de atividades industriais provoca o declínio de atividades de serviço”. Essa ideia pode ser reforçada pelo que diz Mérenne-Shoumaker (1996): “o desenvolvimento de um setor está atrelado diretamente ao crescimento do outro”.

A apreensão aproximada da totalidade no hoje, emoldurado pelo mundo moderno, torna-se passível de desvelamento quando se atenta para a complexidade do real e os diversos novos fatores a serem tomados como explicativos dessa realidade. A relação entre o “meio técnico-científico, a percepção da simultaneidade dos acontecimentos, a unicidade técnica e da mais-valia, os fluxos de informação superpostos aos fluxos de matéria” (SANTOS, 1998) dão a medida de construto da realidade.

Os novos rumos tomados pela sociedade de economia globalizada, orientada pela crescente centralização dos investimentos, tendem à imbricação das diversas atividades econômicas. A interdependência entre essas atividades é cada vez mais uma realidade, sendo complicado explicá-las separadamente, como entende Castells:

além disso, o desenvolvimento da produção baseada na informação não se limita à produção industrial: ela requer de facto, concomitantemente, a expansão dos chamados “serviços do produtor”, de tal forma que a distinção entre as indústrias produtoras de mercadorias e as indústrias produtoras de serviços está cada vez mais comprometida (1985, p. 8).

5. Produtivo ou improdutivo?

Um ponto crucial de discussões dentro do corpo teórico do terciário reside no caráter produtivo ou não dos serviços. Marx (1968) discute, na perspectiva da realidade do século XIX, esse tema em “teoria da compensação para os trabalhadores desempregados pela máquina” (p. 502-512) e da “concepção errônea da economia política sobre a reprodução ampliada” (p. 684-687). Nessas passagens, os serviços se apresentam como improdutivos, considerados, evidentemente, em dimensões diferentes do que se encontram na atualidade. Mesmo assim, Marx revela algumas indicações úteis para se compreender a realidade do início do século XXI:

1. Embora a maquinaria despeça, necessariamente, trabalhadores nos ramos onde se introduz, pode ela provocar acréscimo de emprego em outros ramos (p. 507); 2. Uma nova espécie de trabalhador aparece com a maquinaria [...] (p. 508); 3. o sistema fabril impulsiona a divisão social do trabalho; 4. o refinamento e a diversificação dos produtos correspondem também a novas relações comerciais com o exterior, criadas pela indústria moderna; 5. Formam-se, baseados diretamente na maquinaria ou na transformação industrial geral ocasionada por ela, ramos de produção inteiramente novos e, em consequência, novos campos de trabalho (p. 510).

A ideia de que os serviços são improdutivos está ligada às explicações de Marx sobre trabalho em “O Capital”, com base na estrutura das etapas da produção. Prender-se a essa proposição significaria deixar de lado algumas categorias de serviços (saúde, educação), que não desenvolvem um corpo material como produto final e, portanto, não geram mais-valia, mas que são cruciais para a própria composição e caracterização do terciário enquanto setor e, até mesmo, enquanto atividade. Em crítica à Marx, Lipietz (1984, p. 183-184), afirma ser a questão do “trabalho produtivo” largamente metafísica e que sua resposta seria politicamente inoperante:

Em caso algum, o caráter ‘produtivo’ do trabalho bastaria para determinar a posição política daqueles que nela estão implicados [...]. São as condições concretas de sua subordinação ao capital e o estado da luta política e ideológica na sociedade que determina a posição política diante das relações capitalistas dos operários qualificados [...].

Para Mandel (1985, p. 285), de acordo com a sistemática do capitalismo tardio, há um ciclo que “consiste em converter, necessariamente, o capital ocioso em capital de serviços e ao mesmo tempo substituir o capital de serviços por capital produtivo ou, em outras palavras, substituir serviços por mercadorias”.

O processo de mudança do caráter do capital revela-se como um modo de fazer circular o capital ocioso com celeridade, muito embora a massa de mais-valia não seja aumentada. Assim, “[...] a fração da mais-valia social global que provém do setor de serviços capitalistas é mais uma dedução do que um acréscimo à mais-valia criada pelo capital produtivo” (idem).

O cerne do debate está na incapacidade de se avaliar os serviços a partir de mecanismos inerentes ao modo de produzir baseado na indústria, sem incorrer-se em faltas ou injustiças. Lojkine (2002, p. 273) expressa sua preocupação e as limitações de análise dos serviços assim elaboradas:

A questão que atualmente se põe incide sobre a possibilidade de mensurar a produtividade dos serviços modernos (pesquisa, banco de dados, cuidados hospitalares, formação etc.) com os critérios de rentabilidade próprios da produção industrial mercantil.

Se antes o terciário era improdutivo, na atual modernidade ele passa a complementar as etapas da produção dos setores primário e secundário que, de fato, sempre ocorrera. A mutabilidade ocasionada pelos fenômenos técnicos e científicos fá-lo assentar-se na mais recente modernidade, envolvendo todos os atores sociais. São esses fenômenos técnicos os responsáveis pela divisão do trabalho, inicialmente com a separação entre agricultura e artesanato, aumentando a distância entre produção e consumo, ocasionando uma maior necessidade de quantificação e qualificação de serviços para dinamizar e otimizar as esferas da produção.

Na sociedade globalizada e fundamentada no meio técnico-científico informacional, sói ocorrer a “interpenetração de funções produtivas e funções ditas improdutivas”, gerando o que Lojkine (idem) nomeou de “produtivos improdutivos e improdutivos produtivos”. Para o autor, essas novas categorias de atividade são válidas dentro da nova realidade advinda com a revolução informacional. Os serviços, antes considerados improdu-

tivos, a partir da interpenetração entre as atividades, passam a oscilar entre produtivos e improdutivos, portanto, podem apresentar esse duplo caráter.

A duplicidade é, para Oliveira (1987, p. 57), cabível, pois “o trabalho terciário não é produtivo (nem improdutivo) por si, mas na medida em que não participa do processo produtivo de geração capitalista da mais-valia social”. Portanto, para se conhecer a natureza do trabalho terciário, é essencial descortinar-se primeiramente a esfera da produção em que a atividade está inserida.

6. Da economia pautada na indústria à sociedade das atividades terciárias...

A forma de produzir, tendo como base a indústria, foi durante os “trinta anos gloriosos”, considerada como a única via de crescimento econômico possível para os lugares. Nesse ínterim, o processo de modernização, trazendo em seu bojo a urbanização, toma vulto, se espalhando pelos países de forma desigual. Sobre isso, Santos (1998, p. 158) esclarece:

Há, pois, com a modernização, reformulação do sistema urbano e reordenamento das cidades, como resultado das novas formas de realização da vida econômica e social. Como a modernização não se dá de forma homogênea, há diversidades segundo regiões e lugares, mas a realidade comum é a diferenciação e a complexidade crescentes do fenômeno urbano e regional [...]

Com a ampliação espacial do domínio econômico das grandes empresas, recantos antes restritos à produção artesanal tornam-se unidades produtivas mais competitivas, em virtude da invasão dos serviços modernos agregados às inovações tecnológicas e organizacionais. Isso se aplica aos lugares aos quais a modernidade chegou tardiamente, não havendo uma consolidação histórica do processo local, tratando-se, assim, de uma ação vertical dessas forças modernas. A existência de modernidades ou verticalidades nos serviços de um determinado lugar indica sua inserção no contexto mundial, porquanto tais modernidades são aplicações práticas da tecnologia padrão, utilizada em diferentes interstícios espaciais de todos os continentes.

Nos dias atuais, contudo, é na cidade que se estabelecem os nós das relações de funcionamento do mundo. À medida que o urbano absorve as inovações, funções velhas tendem a ceder espaço para as dimensões globais, o que aparenta uma desconexão com a realidade. Nesse caso, pode-se repetir o que diz Carlos (2000, p. 35): o espaço urbano aparece aos seus habitantes como caótico e desordenado.

Na simbiose indústria-serviços, observamos a existência de um crescente desuso de forças terciárias artesanais em contrapartida à auto-suficiência individual de se servir de um serviço, ou seja, a busca não está mais para a procura de que alguém lhe faça uma tarefa, mas que o próprio indivíduo a faça através da produção industrial. É uma condição pós-industrial com base nas inovações mais avançadas.

Assim, o espaço urbano hodierno é marcado por caracteres que lhes são peculiares, cada vez mais subordinado às determinações do novo modo de acumulação capitalista, cuja dinâmica depende das intensas e refinadas inserções de objetos modernos, capazes de subverter o processo produtivo tradicional. É outra redefinição do espaço promovido pelas novas determinações do terciário, cuja emergência e funcionalidade acompanham as exigências do período técnico-científico-informacional – TCI. Este é um fenômeno nascido no seio da modernidade, forçando a convergência da ciência com a técnica, com o intuito de aumentar a produtividade e os fluxos a ela correlacionados. O resultado desse processo foi a fragmentação da grande indústria fordista, desmembrada em vários segmentos alocados em diferentes pontos do planeta, em consequência de melhores disponibilidades de comunicação e maior fluxo de informações. Assim, o terciário emerge como a força motriz do novo quadro da produção, tanto como reunificação do trabalho, quanto como redirecionador, em termos quantitativos e qualitativos, dos postos de trabalho. Aparece, então, o terciário enquadrado na definição a que foi primeiramente atribuído: como a fase após o processo produtivo fabril que “corrigiria” os distúrbios produtivos e empregatícios do modo de produção, como afirma Lipietz (1984).

O terciário desponta como um desdobramento do processo produtivo em sua nova fase, cujo objetivo seria superar a negação do trabalho quando diante da automação da indústria de meados do século XX. Sobre esse fenômeno, frisa Debord (1997, p. 32):

[...] é preciso que o mundo da mercadoria supere esta contradição: a instrumentação técnica que suprime objetivamente o trabalho deve, ao mesmo tempo, conservar o trabalho como mercadoria e como único lugar de origem da mercadoria. Para que a automação, ou qualquer outra forma menos extrema de crescimento da produtividade do trabalho, não diminua o tempo de trabalho social necessário na escala da sociedade, é necessário criar novos empregos.

Ao tempo em que a automação ou a nova divisão do trabalho suprime postos de trabalho, na produção direta, eleva-se o contingente de ocupações no terciário. O crescimento acentuado do terciário se deve, em parte, ao momento atual do modo de produção, assolado por uma profunda crise categorial de negação de sua essência: o trabalho. Para Debord (1997), os serviços como parte do terciário, são uma forma de suporte bem como de tentativa de superação da crise gerada pela automação:

O setor terciário, de serviços, é a imensa extensão das linhas do exército que distribui e promove as mercadorias atuais; o imperativo de organização desse trabalho de suporte, com a mobilização dessas forças supletivas, decorre da própria artificialidade das necessidades relacionadas a tais mercadorias (idem).

Por sua natureza mutável é que o terciário se encaixa na ideia de modernidade aventada por Berman (1986, p. 15), ao considerá-la como “um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje”. Suas dimensões espaço-temporais impõem as conexões dos fluxos, tornando-os fenômenos geográficos.

O mundo intensifica sua globalização intermediada pela revolução TCI que lhe serve de base para a formação das redes geográficas. A união entre os pontos constituintes dessa rede tornou-se possível através do elo fornecido por esse meio, pois “a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato” (SANTOS, 1999, p. 190).

Os fluxos de informação são cada vez mais acentuados pelas inovações técnico-científicas, portanto, à medida que se avolumam essas inovações, há a necessidade de fazê-las circular com maior fluidez, pois a sociedade da mercadoria alimenta-se do fluído informacional que por sua vez foi engendrado por essa mesma sociedade. Cria-se, dessa maneira, um meca-

nismo sem o qual o sistema regido pelo mercado sucumbiria: a imprescindibilidade da informação. Essa realidade é reafirmada por Santos:

[...] a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação (ibidem, p. 191).

A revolução informacional serve, pois, muito mais para revelar a interdependência entre as atividades industriais e terciárias que para legitimar qualquer espécie de ruptura ou divisão entre ambas. Não se pode falar, portanto, de uma sociedade pós-industrial, onde as atividades industriais serão substituídas pelas terciárias, mas, antes, que haverá uma imbricação cada vez mais acentuada entre elas, recentemente ressaltada por Lojkine:

[...] a revolução informacional coloca no primeiro plano as potencialidades e a exigência de superação desta divisão – as redes tele-informáticas e os bancos de dados setoriais já inscrevem nos fatos (apesar das enormes pressões da rentabilidade e da tecnocracia) uma estreita interconexão entre produção e serviços [...] (LOJKINE, 2002, p. 308-309).

7. Observações finais

A palavra serviço é amiúde empregada para significar tudo que não se enquadra nas demais atividades produtivas. O fenômeno de recrudescimento dos serviços corrobora para a desmistificação do que se coloca como sociedade pós-industrial, pois apesar da representativa diminuição do número de empregos e da estagnação da atividade industrial, como mostram Granrut (1992) e Gaspard (1989) em seus respectivos trabalhos, o poder da produção em nada foi reduzido, pelo contrário, foi otimizado e proporcionou maior impulso e controle da produção pelos serviços, principalmente a partir da década de 1990.

O incessante processo de divisão e especialização do trabalho propiciou o aumento da diversidade dos serviços. As atividades terciárias tornaram-se mais relevantes, pelo fato de ocuparem funções insubstituíveis nos interstícios ou nas etapas da produção das mercadorias. Os serviços,

através dos escritórios administrativos, constituem, hoje, os grandes centros de poder da sociedade moderna, muito embora não se possa pensar as atividades terciárias dissociadas da produção em geral. Atualmente, nada no espaço geográfico está livre da necessidade dos serviços. Nem as empresas, nem o indivíduo que vive isolado, nem o Estado. Para que funcione o espaço geográfico, é de grande importância o suporte à fluidez e à competitividade dos fluxos proporcionados pelo terciário e que respondem a um ritmo espontâneo de polarização de mais serviços, garantindo a vitalidade do sistema produtivo.

É viável, para o estudo do terciário, a contextualização de seu conceito na dimensão em que se pretende estudar, já que cada nível da atividade terciária corresponde a uma forma particular da divisão do trabalho dentro da evolução do processo produtivo mundial.

A prudência, na discussão sobre os serviços, se faz necessária, porque os conteúdos técnicos se modificam constantemente, assim como a simultaneidade dos acontecimentos dá a medida exata da fragilidade de se cristalizar um conceito acerca de fenômeno polêmico e dinâmico.

O momento é de reflexão, já que os serviços aparentemente tomam a dianteira no que se refere aos centros do mandar, contudo, permanecem dependentes das atividades industriais. A revolução TCI proporcionou vários fenômenos, entre eles a fragmentação da indústria, mostrando que de suas entranhas brotaram os serviços como complementares a essa atividade.

Esse crescimento acelerado é resultado do processo contraditório de expansão do capital na produção de mais-valia, sob a forma de um grande espetáculo. Para Debord (1997, p. 30), “o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social”.

Chegar-se a construir critérios flexíveis e dinâmicos, capazes de explicarem os serviços diante das mudanças às quais está submetida a sociedade, seria um grande avanço na tessitura teórica da literatura própria ao terciário.

Notas

¹ Tradução nossa.

Referências

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 434 p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2000. 70 p.

CASTELLS, Manuel. Mudança tecnológica, reestruturação econômica e a nova divisão espacial do trabalho. **Espaço e debates**, São Paulo, n. 17, p. 5-23, Jan/Jun. 1985.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996. cap. 8, p. 185-208.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 238 p.

FOURASTIÉ, Jean et Jacqueline. La ruée tertiaire. **Revue Futuribles**. Informes, Paris, n. 133, p. 21-34, Jun. 1989.

GASPARD, Michel. Demain les services. **Revue Futuribles**. Informes, Paris, n. 128, p. 31-47, Jan. 1989.

GEORGE, Pierre. **Populações ativas**. São Paulo: DIFEL, 1979. cap. 4, p. 81-108.

GRANRUT, Charles du. L'emploi tertiaire aux Etats-Unis. **Revue Futuribles**. Informes, Paris, n.167, p. 39-60, Jul. 1992.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. Prefácio e tradução de Armando Corrêa da Silva. São Paulo: HUCITEC, 1980. 291 p.

JIMÉNEZ, Antonio Moreno; UTRILLA, Severino Escolano. **Los Servicios y el territorio**. Madrid: Síntesis, 1992. cap. 2, p.47-89. (Espacios y Sociedades).

KON, Anita. Reestruturação produtiva e terciarização no Brasil. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p. 149-180, Maio 1997.

LIMA, Luiz Cruz. **Nos espaços da produção**: os tecnopolos. Tese de doutoramento em Geografia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, 1994. 182 p.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1984. Anexo, p. 177-209.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. Tradução de José Paulo Netto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 316 p.

MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985. 417 p.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1968. v. I, Livro 1, 579 p.

MÉRENNE-SCHOUMAKER, Bernadette. **La localisation des services**. Géographie d'aujourd'hui. Paris: NATHAN, 1996. 191 p.

OFFE, Claus. **Trabalho e sociedade**. Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho. v. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. 180 p.

OLIVEIRA, Christian Dennis Monteiro de. Terciarização e espaço metropolitano. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 65, p. 49-76, 2. sem. 1987.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. cap. I, p. 9-27.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 190 p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. 308 p.

Recebido em: 30/10/2009

Aceito em: 08/12/2009

